

A Cidade de Manaus no dizer dos viajantes

Ana Cláudia Souza

Mestra em História da Ciência/Doutoranda em História da PUC/SP

No amanhecer do século XX, Manaus se apresenta ao cenário internacional como a mais próspera das metrópoles brasileiras. Mas, está era uma situação bem recente.

No passado seu território pertencera, pela divisão do Tratado de Tordesilhas, aos espanhóis, mas, foram os portugueses que em meados do século XVII, ao subirem o Rio Amazonas em busca de escravos, fundaram em 1669, a Fortaleza da Barra de São José do Rio Negro, a margem esquerda do Rio Negro, distante cerca de 30Km do Rio Amazonas. Neste Forte encontramos o núcleo urbano que deu origem à cidade de Manaus.¹

Na primeira metade do século XVIII a expedição científica chefiada por Charles-Marie de La Condamine percorreu o Rio Amazonas a serviço da coroa francesa. Esta expedição entra no Rio Negro em 23 de agosto de 1743 e assim La Condamine descreve sua passagem pelo lugar:

"Subimos o Rio Negro por duas léguas, até o forte que os portugueses ali construíram na margem setentrional, no local mais estreito, que medi, obtendo 1.023 toas, e onde observei 3º 9' de latitude. É o primeiro estabelecimento português que se encontra ao norte do rio Amazonas, ao descê-lo... O capitão comandante do forte do rio Negro estava ausente quando ali aportamos, não me detive por mais de 24 horas."²

É provável que La Condamine nada mais tenha dito sobre o lugar pela imponente precariedade na qual o Forte se encontrava.

No final do século XVIII (1786) o naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, a serviço da coroa portuguesa, esteve em Manaus e nos deixou seu relato sobre esse povoado predominantemente indígena com 301 habitantes, sendo 243 índios, 47 brancos e 11 escravos divididos em dois bairros. Notou que o lugar estava dividido entre os índios Maués e os Manaós, e que haviam poucas e simples construções.³

No início do século XIX (1809) o naturalista inglês Henry Walter Bates escreve que:

"Inúmeros portugueses, bem como vários brasileiros de outras províncias, estabeleceram-se ali. Construíram casas confortáveis e a cidade cresceu..."⁴

Na metade do século XIX temos a chegada do também naturalista inglês Alfred Russel Wallace que em seu diário "Viagens pelo Amazonas e Rio Negro", nos fez um relato dos aspectos urbanos, econômicos e culturais da "Cidade da Barra", denominação dada a Manaus na época, ao relatar que:

"A cidade da Barra-do-Rio-Negro está situada na margem léste daquele rio, cerca de doze milhas acima de sua junção com o Amazonas.

E esta localizada em um terreno desigual repleto de ondulações cêrca de 30 pés acima do nível das mais altas cheias, e é cortada por dois córregos, cujas águas, na estação chuvosa, atingem a considerável altura, havendo, porém sobre êles duas pontes de madeira.

As ruas são regularmente traçadas; não têm, no entanto, nenhum calçamento, sendo muito onduladas e cheias de buracos, o que torna

a caminhada sobre os seus leitos muito desagradável, principalmente à noite.

As casas geralmente só têm um pavimento; são cobertas de telha vermelha e assoalhadas com tijolos, têm as paredes pintadas de branco ou amarelo; e as portas e janelas, pintadas de verde.

Quando o sol bate sobre elas, o efeito é muito bonito.

Da "Barra", ou o antigo forte, só há, presentemente, uns restos de muralhas e um monte de terra.

Há duas igrejas na cidade; são, porém muito pobres e bastante inferiores à de Santarém.

A população da cidade é de 5.000 a 6.000 habitantes, dos quais a maior parte é constituída de índios e mestiços.

Na verdade, provavelmente, não há ali uma única pessoa, nascida no lugar, da qual se diga que seja de puro sangue europeu, tanto e tão completamente se têm os portugueses amalgamado com os índios.

O comércio local consiste principalmente na exportação de castanha, salsaparrilha e peixe, e as importações de tecidos europeus, de inferior qualidade, cutilaria ornamentaria, colares, espelhos e outras bugigangas mais, para o comércio com as tribos indígenas, das quais a cidade é o quartel-mestre."⁵

Na segunda metade do século XIX o Lugar da foi promovida à condição de cidade, mantendo o lugarejo o nome de Cidade da Barra do Rio Negro. É somente com a Lei nº 68, de 4 de setembro de 1856, que passou a chamar-se Cidade de Manaós. Neste mesmo período a Comarca do Alto Amazonas foi elevada a categoria de Província e o traçado da

capital da Província do Amazonas obedecia praticamente aos ditames da natureza: era desenhada por vários igarapés, seu relevo era bastante acidentado, com morros e ladeiras.

Voltando aos visitantes estrangeiros, em setembro de 1865, Manaus recebe a expedição científica chefiada pelo suíço Louis Agassiz que tinha em sua esposa Elizabeth Agassiz a relatora. Está, assim registrou sua impressão sobre a cidade:

"Que poderei dizer da cidade de Manaus? É uma pequena reunião de casas, a metade das quais parece prestes a cair em ruínas, e não se pôde deixar de sorrir ao ver os castelos oscilantes decorados com o nome de edifícios públicos: Tesouraria, Câmara legislativa, Correios, Alfândega, Presidência. Entretanto a situação da cidade, na junção do rio Negro, do Amazonas e do Solimões, foi uma das mais felizes na escolha. Insignificante hoje, Manaus se tornará, sem dúvida, um grande centro de comércio e navegação."⁶

A grande mudança na cidade de Manaus acontece em fins do século XIX, provocado por todo um contexto histórico que possibilitou ao antigo vilarejo transformar-se em uma das mais prosperas cidades do início da República brasileira. Esse período ficou conhecido como período áureo da borracha.

A vida na região Amazônica foi alterada pela necessidade da produção para o comércio internacional do látex, matéria-prima a partir da qual era produzida a borracha, uma goma elástica extraída da seringueira, a *Hevea brasiliense*. A exportação da borracha iniciou-se em 1827 sob várias formas até a padronização em grandes bolas ovais, as pélas. Sua importância passa a ser maior quando em 1836 o norte-americano Goodyear descobriu o processo de vulcanização misturando o enxofre à borracha, desenvolvendo assim um produto útil à indústria do século XIX e essencial para a futura indústria automobilística.

Dunlop, utilizando a borracha, descobre o pneumático para bicicletas, que mais tarde seria aplicado nos automóveis pelos irmãos Michelin.⁷

O advento da vulcanização coincide com a descoberta dos grandes seringais nativos nos vales dos rios Juruá, Madeira e Purus, que atraíram os ingleses à região. Esses obtiveram do Imperador D. Pedro II, em 07 de dezembro de 1866 a ata de abertura do Rio Amazonas ao comércio internacional, fato esse imortalizado em Manaus pelo monumento na Praça de São Sebastião.

A Inglaterra por meio da companhia “Manáos Habour Limited” foi a responsável pelos trabalhos de ampliação e melhoria do porto de Manaus exigindo para isso a concessão do direito de usa-lo por 60 anos, ficando a pesagem, classificação, corte e o beneficiamento da borracha, sendo realizado integralmente pelo armazém “15 de Novembro”, pertencente àquela companhia.⁸ Apesar da Inglaterra obter esse monopólio sabemos que desde 1876 o inglês Henry Alexandre Wickman contrabandeou as sementes seringueiras do Amazonas para os Jardins de Kew, em Londres, e dali para o Ceilão onde foram plantadas de maneira bem planejada, e a partir de 1908 começou-se a obter uma produção significativa. Em 1913 a Ásia já era responsável por 59,3% da produção mundial, produção essa que só fez crescer levando ao fim do chamado “Período da Borracha”.⁹

Grandes mudanças ocorreram em Manaus provenientes da extração do látex, como descreveu Otoni Mesquita:

“Em uma publicação datada de 1873, o Cônego Francisco Bernardino de Souza informava que Manaus possuía 494 casa, das quais 255 eram cobertas de telhas e 239 com palha, e que entre as primeiras havia 18 sobrados. Tinha mais de 20 ruas, 11 travessas, 3 estradas, 7 praças e 49 casa comerciais. O gênero de maior exportação já era a borracha, seguida pelo pirarucu seco e outros produtos naturais da região.”¹⁰

É importante observarmos que a extração do látex não pode ser considerada, isoladamente, como a única responsável pelas transformações acontecidas em Manaus. Elas fazem parte de um contexto onde encontramos concatenados a proclamação da República, a imigração nordestina, a abertura dos portos, o desenvolvimento da indústria automobilística e a administração do governador Eduardo Ribeiro, responsável pela realização das grandes obras urbanizadoras da cidade.¹¹

O século XX já encontra Manaus com as luzes da *Belle époque* refletindo em suas largas avenidas (provenientes de seus igarapés aterrados), mas essas luzes já estão se apagando e o capital internacional deixará já nas primeiras décadas de se fazer presente na Paris dos trópicos.¹² O declínio no preço da borracha provocou uma estagnação nos mais diversos setores da cidade de Manaus. A economia, que tinha como âncora monolítica à exportação da borracha, agora não possuía uma estrutura alternativa. O Governo Estadual e Municipal não mais dispunha de recursos para a conclusão de obras iniciadas ou para a manutenção das já existentes. O aumento populacional nas últimas décadas havia sido vertiginoso, em 1865 Manaus possuía 5.000 habitantes e em 1910 já somavam 50.000, o que expunha uma grande quantidade de famílias à condição de miséria, pela real falta de trabalho.

No dizer de E. Brandford Burns:

"Em Manaus, a prosperidade havia cedido lugar ao pânico, quando o histórico ano de 1910 chegou ao fim. Cessaram as atividades frenéticas tão características de uma cidade em expansão. As docas e os armazéns iriam deteriorar-se mais tarde; bancos fechariam; comerciantes estrangeiros mudar-se-iam para outras plagas; o Teatro Amazonas ficaria entregue ao abandono."¹³

¹ Acerca da fundação da Fortaleza da Barra de São José do Rio Negro pode ser consultado o livro de Mario Ypiranga Monteiro, *Fortaleza da Barra de São José do Rio Negro*.

² La Condamine, C.M., *Viagem pelo Amazonas: 1735-1745*, p. 83.

³ Ferreira, A. R., *Diário da viagem filosófica pela Capitania de São José do Rio Negro*, p. 576.

⁴ Bates H. W., *Um naturalista no Rio Amazonas*, p. 133.

⁵ Wallace A. R., *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro*, pp. 200-201.

⁶ Agassiz, L., E., *Viagem ao Brasil*, pp. 247-248. Esta previsão logo tornar-se-ia verdadeira com o advento do período áureo da borracha. Seguindo suas considerações sobre Manaus, há um interessante relato de sua visita a uma escola que ensinava ofício às crianças indígenas, que trataremos mais à frente.

⁷ Para um entendimento mais amplo sobre o Período da Borracha, pode ser consultado o livro *História econômica da Amazônia*, de Roberto Santos onde encontramos os dados citados neste parágrafo além de uma análise sobre população, renda per-capita, mão-de-obra e os preços da borracha no mercado internacional. Nos apresentando assim, não somente o cenário econômico como social da Amazônia deste período. O livro *Síntese da história do Amazonas*, de Antonio de Souto Loureiro dedica um capítulo inteiro a questão da borracha.

⁸ Mario Ypiranga Monteiro em seu livro *Monumento da Praça de São Sebastião*, comenta o monopólio que os ingleses adquiriram sobre a navegação na Amazônia.

⁹ As informações contidas neste parágrafo foram tiradas do livro do professor E. Brandford Burns, do Departamento de História da Universidade da Califórnia, *Los Angeles*, escreveu em 1965, *Manaus, 1910: Retrato de uma cidade em expansão*, no qual analisa o ponto de inflexão do período áureo da borracha. Assim ele a descreve o crescimento da produção da borracha inglesa na Ásia:

"As exportações iniciais dessas plantações eficientemente organizadas foram modestas. Em 1900 a Ásia exportou somente quatro toneladas, porém, como os dados abaixo mostram, as exportações aumentaram rapidamente:

1905	145 toneladas
1910	8.000 "
1912	28.000 "
1914	71.000 "
1915	107.000 "

Em outras palavras, a percentagem da borracha de plantio, da Ásia, para o mercado mundial, cresceu de 0,3 em 1905 para 9,0 em 1910 e 67,6 em 1915. Já em 1922 a borracha de plantio concorria com 93,1% das vendas. O aumento brusco da produção para o mercado mundial, mais o baixo custo da mão-de-obra das plantações asiáticas baixaram os preços da borracha. Em consequência, em maio de 1910, o preço da borracha brasileira iniciou vagaroso mas constante declínio, que eventualmente traria a estagnação ao Amazonas." pp. 33-34.

¹⁰ Mesquita O., *op. cit.*, p. 37.

¹¹ Uma abordagem mais detalhada sobre esse contexto pode ser encontrada em: Mesquita, O., *op. cit.*, pp. 145-171.

¹² O professor E. Brandford Burns, assim descreve a Cidade no início do século XX: "Manaus alardeava com orgulho tôdas as civilidades de qualquer cidade européia de seu tamanho ou mesmo maior. Um excelente sistema portuário, um serviço de coleta e disposição do lixo eficiente, eletricidade, serviços telefônicos, belos edifícios públicos, residências confortáveis atestavam o estado de modernização da cidade." *Op. cit.*, p. 6.

¹³ Burns, E. B., *op. cit.*, p. 37.